

Intervenção na sessão O País Avalia a Troika promovida pelo Congresso Democrático das Alternativas (CDA) na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no dia 3 de março de 2013

O país avalia a troika. E a conclusão mais sonora e mais justa é: a troika está chumbada! Chumbada, rejeitada e motivo da nossa indignação.

Chumbada, porquê?

Por incompetência? Talvez... De facto a troika parece não saber o que qualquer pessoa minimamente informada sabe: que a economia vive da repartição dos rendimentos e que para haver emprego é preciso haver procura; que o desemprego se torna massivo, cumulativo e imparável quando se destrói capacidade produtiva e só existem expectativas negativas e cruéis; que sem uma economia a funcionar e uma sociedade minimamente justa não se gera riqueza e não se satisfazem compromissos, sejam eles quais forem; que as injustiças, a punição indecorosa e as desigualdades doem e, sobretudo, destroem, minam, desfazem... Mais sofisticadamente, a troika parece não saber nada de economia política da recessão e da crise.

Mas sendo a troika incompetente será assim a tão estúpida? A incompetência foi declarada por Olivier Blanchard quando disse que afinal não sabiam o básico sobre o “multiplicador orçamental de curto prazo” e, por isso, subestimaram o efeito negativo, recessivo, das políticas de consolidação orçamental. Isto é, eles julgavam que cortando por todos o lado não acontecia nada de negativo. Eles julgam que cortes são redenção. São totós? Estúpidos são os que não ouvem ninguém, os

que não veem o que está à frente dos seus olhos. Se assim é, a troika parece ser estúpida!

E se a troika, em vez de ser incompetente e estúpida, for afinal um conjunto de fanáticos ideológicos? Isto é, talvez a troika saiba bem e veja melhor que na economia há pessoas, que nas pessoas há as imensamente privilegiadas e as cruelmente esmagadas, talvez conheça demasiado bem a economia política da recessão, com a destruição de emprego, de capacidade produtiva, de indignidade, de reversão de poderes e de posições sociais que ela acarreta. E talvez a troika queira mesmo fazer isso! Isto é, a troika acha que precisa de nos submeter: submeter o trabalho (os seus direitos e os seus custos); submeter (isto é embaratecer) a posição que possamos ter na economia internacional através das exportações que realizamos (baratinhas, baratinhas é que elas são boas; e, então, muitas...); submeter (isto é reduzir) os direitos civilizacionais que fomos conquistando e o bem-estar e a dignidade que eles nos emprestaram; submeter a nossa própria capacidade de exercício político democrático, limitando a democracia e desfazendo o Estado.

Sim, porque é de desvalorização extrema e indigna do valor do trabalho que a troika tem tratado, assim como tem tratado de garantir que em Portugal haja como nunca houve um tal exército de desempregados e desutilizados; a troika tem tratado, inclusive, da proletarização radical de muitos produtores, incluindo muitas empresas; a troika tem tratado de desfazer as outras fontes de bem-estar minimamente repartido que resultam de formas coletivas de organização da vida e a que fomos chamando salário indireto, ou políticas sociais, ou políticas públicas; a troika tem tratado, enfim, de

reduzir e limitar a democracia... A troika, afinal, sabe tudo sobre economia política do empobrecimento!

A troika é um conjunto de fanáticos ideológicos ou é gente sem alma com espírito servil? A quem serve a troika? Ao povo não é! Ao país também não, se país for sinónimo de povo! À economia também não, porque a economia não é a abstração fanática que eles têm na cabeça mas um conjunto de recursos produtivos, de organizações, de lugares de trabalho, de empresas, de pessoas, de mecanismos substantivos que demoraram a estabelecer! Ao Estado também não serve a troika porque ao Estado eles estão a exaurir e a desmantelar!

A troika não são meninos de coro, a troika executa políticas com consequências concretas, duras e, sobretudo, profundamente desiguais nas suas consequências! A troika está ao serviço de ganhadores injustos e está contra derrotados indefesos! Ainda há quem diga é certo – como dizia Vivian Reding há dias em Coimbra – que a troika são técnicos e só fazem os ajustamentos necessário. Que lata!

A troika serve ganhadores. Quem são esses ganhadores? Os credores, que nos impuseram uma alegre dependência externa ao mesmo tempo que nos convenceram que estávamos no reino dos céus da inovação monetária- E aos bancos que aplaudiram e chafurdaram no pote de mel, bebendo-o até ao fim, de forma basbaque e dolosa! Serve aos que cavalgaram a insensatez sabendo, com consciência, que estão a criar uma Europa fraturada em que uns são centros dominantes e outros voltavam a ser periferias perdidas.

A troika sabe tudo isto e sabe uma coisa mais. Sabe que Portugal não tem um governo: tem uma legião patética de serventuários! Gente incapaz para mais alguma coisa que não seja vergar a espinha.

Incultos, impreparados, deslumbrados pelo que ignoram. Gente que julga que a política é servilismo, estratégia, negócio, posições em bicos de pés. Gente incapaz de ouvir. De ouvir o povo e até de ouvir os seus. Gente apenas reconfortada por defensores serôdios e diligentes dumas finanças públicas e de uma austeridade que nos disciplinem (ao povo) para eles guardem o seu estatuto de mando ou possam servir abnegadamente novos padrões. Gente manobrada por intelectuais orgânicos de todas as ortodoxias que nunca levantaram o rabo dos bancos das instituições conservadoras, poderosos e soturnas que os ensinaram perspicazmente para que fossem bem servidas por ele. É este o governo de Portugal hoje e são estes os seus poucos amigos.

São estes que nós chumbamos. São estes que censuramos. É contra estes que clamamos pela energia do povo – que a tem! -, pela convergência política da esquerda, pelo valor de denominadores comuns hoje bem visíveis com os quais se constrói a alternativa. A alternativa de uma economia em que haja emprego porque se retoma o investimento – tanto o público com o privado -; em que haja procura porque se respeitam os salários; em que haja expectativas positivas porque se respeita a dignidade; em que haja Estado e ação pública porque os recursos coletivos não são capturados pelos poderosos a quem o Estado acode apressadamente ou esgotados pelo pagamento de uma dívida injusta que tem de ser renegociada e reestruturada; em que haja desenvolvimento porque o memorando foi denunciado e, em seu lugar, colocado um programa de desenvolvimento do país e de recuperação dos estragos causado; em que haja Europa, isto é, relançamento económico voluntarista,

mutualização da dívida pública e um banco central que ponha os mercados na ordem em vez de servir a ordem dos mercados.

O CDA deu um contributo valioso quando pôs na agenda que era preciso denunciar o memorando e renegociar. Hoje toda agente o diz.

O CDA está agora a dar outro contributo valioso quando põe na agenda que a crise se vence com a democracia e o Estado Social e não contra a democracia e o Estado Social.